

O anarquismo cortês de Enzensberger

JERÔNIMO TEIXEIRA

Na noite de segunda-feira, uma senhora no meio da plateia, depois de dirigir uma pergunta a Hans Magnus Enzensberger, não resistiu e acrescentou uma opinião pessoal: "Querida dizer também que o senhor é muito simpático". O público que lotou o auditório do Goethe para ouvir Enzensberger recitar seus poemas em alemão concordou aplaudindo.

A principal figura contemporânea das letras alemãs é de fato uma pessoa sorridente e afável, atributos básicos da simpatia. Mas o sorriso muitas vezes esconde (ou realça, dependendo da sensibilidade do observador) a ironia que Enzensberger esbanja em Guerra Civil

(Companhia das Letras) e Mediocridade e Loucura (Ática), livros lançados por ele ontem à noite na capital gaúcha.

O poeta e ensaísta Hans Magnus Enzensberger, 65 anos, esteve em Porto Alegre segunda e terça-feira participando de palestras e debates promovidos pelo Goethe e pela Secretaria Municipal da Cultura. Na verdade, já desembarcou em Porto Alegre no fim de semana, a tempo de assistir, no domingo à noite, à versão do *Oi Nós Aqui Traveze* para o clássico *Fausto*. "Tomei consciência de que Goethe também é brasileiro", comentava Enzensberger na tarde de segunda-feira, quando falou a Zero Hora, com ajuda do intérprete Peter Naumann, sobre política e literatura.

Zero Hora — Em seus ensaios, há uma preocupação de analisar os fatos sem perder o envolvimento com eles, de criticá-los "de dentro". Suas críticas à esquerda são feitas "de dentro"? O senhor ainda se considera de esquerda?

Hans Magnus Enzensberger — Esta distinção entre "dentro" e "fora" não é tão simples. Do ponto de vista cognitivo, também é necessário manter o distanciamento. Mas há um problema de ordem moral, pois o hábito dos intelectuais é falar como se eles não fizessem parte daquilo sobre o que eles falam. O esquadrista da Europa que fala de imperialismo não tem nada a ver com isso. Naturalmente, a minha origem está na cultura da esquerda. Para mim, o problema não se coloca em termos mutuamente excluídos. O critério, na minha opinião, deve ser o quanto fecundo, o quanto produtivo pode ser um pensamento. O marxismo foi muito útil para mim. Mas nunca encontrei no marxismo uma estética que me pudesse servir. O marxismo tampouco considerou muitas formas de infelicidade: a doença, a morte são questões que não aparecem na teoria marxista. Diria que sempre participei de forma parcial da cultura da esquerda. Do ponto de vista político, minha participação foi maior. Os movimentos sociais dos anos 60 na Alemanha foram de esquerda. Foram os únicos movimentos que a Alemanha apresentou. Neste sentido, era perfeitamente normal participar deles.

ZH — O senhor diz que não encontrou uma estética marxista. E autores como Walter Benjamin e Lukács?

Enzensberger — O que se pode aproveitar desses autores é justamente o que não é marxista. Benjamin absorveu fortemente as tradições judaicas. Lukács, em termos estéticos, era um conservador, para não dizer um reacionário. Kafka significava para ele a decadência. Com idéias assim não podemos fazer nada, são muito anacrônicas. Em alguns casos, essa tradição levava ao realismo socialista, que é só propaganda e agitação de má qualidade.

ZH — A sua "participação parcial" na esquerda não gerou cobranças por uma participação mais efetiva?

Enzensberger — Sim, evidentemente, mas não só da esquerda. Sobretudo na Alemanha, há sempre um empenho em fixar as pessoas, fazer com que tenham uma posição definida, firme. A direita neste sentido não é diferente. Durante décadas, fui visto como uma pessoa que não se podia discutir razoavelmente, como uma espécie de bicho-papão. Não devemos levar isso em consideração.

Na Alemanha, a política não deseja intelectuais, o que gera mais clareza

ZH — Essa visão que tinham do senhor, portanto, nem o incomodava nem o estimulava?

Enzensberger — Não. Talvez eu tenha posições sociais anárquicas. Acho que se trata de um anarquismo cortês. Os escritores livres são os últimos dos moicanos. Não dependemos de instituições. Não somos subsidiados. Não recebemos aposentadoria. Isso configura desvantagens, então temos que nos concentrar compensatoriamente nas vantagens. Na poesia nunca nos orientamos pelos ditames de nenhum diretor ou reitor, de nenhum chefe. Acho

que não deveríamos nos queixar.

ZH — Mas também não houve sempre escritores profundamente institucionais?

Enzensberger — Quando falei em "instituição", me referi a organizações de trabalho com escritórios, salários etc. Mas a literatura também é uma instituição. E também há opções políticas dentro dela. Na América Latina, escritores conhecidos se transformam em embaixadores, em ministros de Estado. Este é um hábito que não existe na Alemanha. Lá, a política não deseja os intelectuais. Isso tem a grande vantagem da clareza.

ZH — Falando em intelectuais no poder, o que o senhor pensa de Fernando Henrique Cardoso?

Enzensberger — Não estou muito informado para falar sobre isso. Mas, se no Brasil se tinha a imagem de uma política constituída por ladrões, já é uma coisa maravilhosa quando se descobre que alguém não é ladrão.

Zero Hora — A independência gera um impasse para o poeta: o mercado da poesia é virtualmente nulo.

Enzensberger — Claro, este dilema existe. Mas devo dizer que, por um acaso feliz nas condições específicas da Alemanha, eu consegui fruir a independência. Faço todo o tipo de coisa: escrevo para rádio, teatro, filmes, libretos de ópera, tenho um pé no negócio editorial, fundei algumas revistas, traduzo um pouco, e assim por diante. Tudo isso estabiliza a minha condição social. A poesia nunca foi negócio. E mesmo assim nós pudemos ter alguns mil anos de poesia.



Enzensberger acredita que os escritores, por não serem subsidiados ou assalariados, têm a vantagem da independência



NEI LISBOA & BANDA
24/MAIO - QUARTA - 23H - NO OPINIÃO

949 PRODUÇÃO DE FOTOLETRAS

Cuba é um museu de biotipos ideológicos

Neste trecho, o poeta e ensaísta alemão Hans Magnus Enzensberger fala do capitalismo global, de Cuba e da ironia.

fatos contestam essa idéia de que todos podem alcançar o patamar do desenvolvimento. A maioria dos países pobres estão ficando cada vez mais pobres. Pessoalmente, eu desejo muita sorte ao Peru (risos).

Zero Hora — Em seus ensaios, há a preocupação constante de não contrariar os fatos, de não adaptá-los à teoria. E uma de suas constatações é a vitória global do capitalismo. O capitalismo é um fato incontestável? Não há opções?

Hans Magnus Enzensberger — Eu não estou muito na tradição alemã. Estou mais na tradição anglo-saxônica: trabalho, é verdade, com um certo empirismo. Mas existe o que se poderia chamar de teoria implícita. Penso que é bom conhecer um número tão grande quanto possível de teorias e conhecê-las bem. Não sou um monoteísta das teorias. Quanto à questão concreta, o capitalismo também deveria ser um substantivo que só se usa no plural. Há o capitalismo da Noruega e o capitalismo da Nigéria, do Brasil e do Japão. Em todos os casos, as formações sociais são muito distintas. Uma das razões da vitalidade do capitalismo está no fato de ele ser pluriforme. O comunismo tinha o problema de ser monolítico. Sistemas monolíticos aprendem com muita dificuldade. Mas não quero ser excessivamente otimista. Tenho as minhas dúvidas quanto às possibilidades do capitalismo. A vitória do capitalismo acaba sendo uma vitória de Pirro.

ZH — O senhor fala em vários capitalisms. O escritor peruano Mario Vargas Llosa, liberal, contestou seu ensaio *Visões da Guerra Civil* afirmando que vivemos uma época na qual um país pode escolher ser pobre ou rico, através da adoção ou não da economia de mercado. O que o senhor pensa dessa afirmação?

Enzensberger — Acho que é uma visão naïve. Diria que os

ZH — No ensaio *Visões da Guerra Civil*, o senhor observa que hoje as guerras civis carecem de fundamento ideológico. Poderíamos dizer que Cuba é o último exemplo de opressão ideológica?

Enzensberger — Com efeito, é um dos poucos regimes desta natureza que sobreviveram. É um país com uma evolução anacrônica. Se o país continuar assim, talvez devesse ser transformado em um museu. Não se instalam reservas ecológicas para preservação de biotipos ameaçados? (risos) Esse comentário é um pouco cínico, porque os coitados dos cubanos estão sofrendo. E eu tenho muita simpatia por eles, pois vivi um ano de minha vida (1969) lá.

ZH — E qual é o limite entre a ironia e o cinismo?

Enzensberger — Existem muitos tipos de ironia. Existe a ironia barata, que se manifesta quando alguém não leva nada a sério sob o pretexto de ser irônico. Uma boa ironia deve incluir também um momento de auto-ironia.

ZH — O senhor há pouco falava que seu empirismo é mais anglo-saxão do que germânico. Pelo viés da ironia, o senhor também parece estar na tradição anglo-saxônica.

Enzensberger — A gente toma as coisas lá onde a gente se encontra. Onde se chega, a gente furta alguma coisa. Assisti aqui em Porto Alegre a uma adaptação de *Fausto*, de Goethe, absolutamente surpreendente para mim, com algumas coisas maravilhosas. Tomei consciência de que Goethe também é um autor brasileiro.

Anote o novo prefixo do Serviço de Atendimento ao Assinante

(051) 218 4111

ZERO HORA

REDES de PROTEÇÃO INFANTIL

FABRICAMOS E INSTALAMOS EM: JANELAS - SACADAS - PISCINAS - QUADRAS ESPORTIVAS

COBRIMOS QUALQUER ORÇAMENTO

(051) 332.2867

Atendemos Interior

ESTEIRAS ERGOMÉTRICAS

A Partir de R\$ 297,00



CIA DO ESPORTE
POA - Fone: (051) 2434422 - 967.1928
Nif - Fone: (051) 395.4049

PRÔMEGA DIAGNÓSTICOS MÉDICOS

Serviço de Diagnósticos Integrado

PRO: HEMATOLOGIA - COLELITÍASIS - HEPATOPATIAS

CITOPATOLOGIA - ANÁLISES CLÍNICAS - ENDOSCOPIA PÉLVICA

ECOGRAFIA

ARCOMINAL TOTAL - SUPERIOR - PELVICA - OBSTÉTRICA - TRANSDIGRAMA - APARELHO URINÁRIO

RESULTADO IMEDIATO - EXAMES COM HORA MARCADA

RUA VIGÁRIO JOSÉ INÁCIO, 833 - POHITO ALEGRE - TELS. (051) 238-4545 e 238-4830

*N.L.G. - Organização não-governamental de caráter filantrópico.

A FESTA DA DÉCADA.
DESFILE DO ANO.

30 ANOS

KRAS.
ANOS 30

26 de maio - 21:30 h

L'atmosphère - Rua Gaspar Martins, 230

KRAS.

Andradas e Praia de Belas Shopping

Após

L'atmosphère

Produção: Alexandre Böer Inês Arigoni

X&C

DR

Mirage

BOA & BANDA

24/MAIO - QUARTA - 23H - NO OPINIÃO

ÚNICA APRESENTAÇÃO

Produção: Alexandre Böer Inês Arigoni

Amaleoa

ASSINANTE